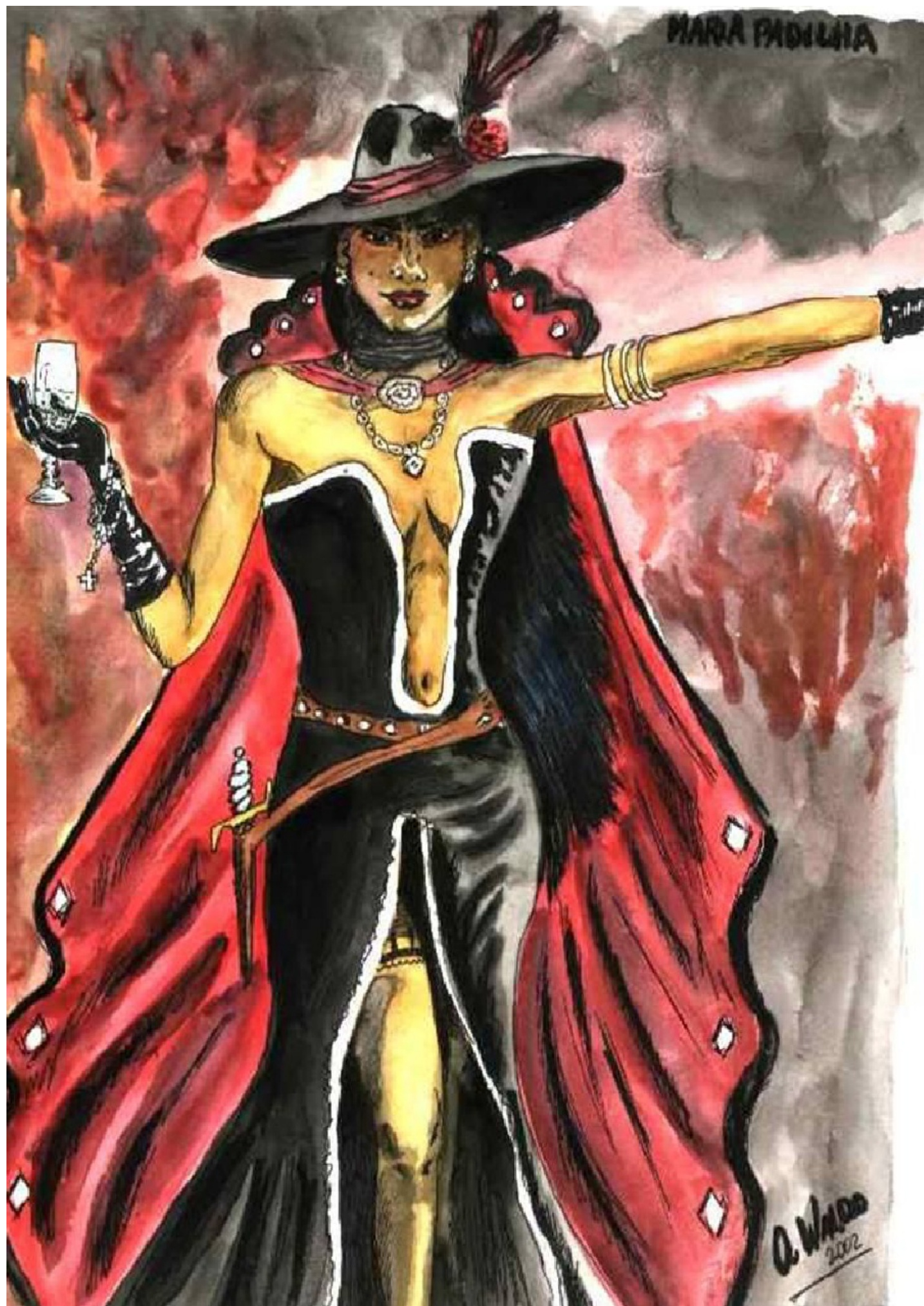




MARIA PADILHA - A CORTESÃ QUE SE TORNOU RAINHA.

Admirada e prestigiada na Umbanda, Quimbanda e Candomblé, Maria Padilha é sem dúvida a Pomba Gira mais conhecida da religião afro-brasileira. E sua fama se expande para além das fronteiras brasileiras.

Muitas histórias norteiam a sua origem, é conhecida como a Exu-Mulher, o similar feminino de Exu. Como toda Entidade dessa categoria, acredita-se que ela trabalha em sintonia com as energias dos Orixás para ajudar encarnados e desencarnados, a amenizar o sofrimento do seu carma alcançando assim a evolução espiritual.

Maria Padilha assim como muitas outras Pomba Giras é chefe de falange, coordena milhares de espíritos que assim como ela tiveram em suas ultimas vidas momentos de sofrimento e angústia por um amor, recorrendo a maioria delas à magia para alcançarem seus objetivos. As Marias Padilhas são uma legião de muita força mágica e espiritual, aceitando diversos trabalhos de magia e demanda. Possuem muitos aliados espirituais e nunca trabalham sozinhas, sempre estão acompanhadas por outras falanges de Pomba Giras e Exus. As linhas de atuação dessas falanges são as mais diversas, logo, é comum encontrar Entidades com nomes:

- * Maria Padilha da Estrada,
- * Maria Padilha da Encruzilhada,
- * Maria Padilha das 7 Encruzilhadas,

- * Maria Padilha do Cabaré,
- * Maria Padilha das Portas do Cabaré,
- * Maria Padilha da Figueira,
- * Maria Padilha do Cruzeiro do Cemitério/ da Calunga/das Almas,
- * Maria Padilha do Inferno e etc.

Essas Entidades trabalham com uma energia específica, com um objetivo próprio e peculiar. Cada MARIA PADILHA citada acima é composta de milhares de MARIAS, cada qual com sua história verdadeira ou alegórica, mas com certeza todas vinculadas à líder. Principalmente por ligação cármica.

A postura, a maneira de falar, dançar, vestir tem mais a ver com a conduta dos médiuns do que com as personalidades individuais das Pombas Giras.

É uma Entidade de personalidade amigável, simpática, sensual, comunicativa e reservada. Bebe Champanhe, Licor de Aniz, Martini e outras bebidas doces. Fuma cigarros e cigarrilhas; gosta de joias e acessórios dourados e brilhantes; gosta de trajes de luxo nas cores negro, vermelho, dourado e dependendo da linha de atuação o branco; recebe suas oferendas nos lugares indicados por seus médiuns e por elas quando incorporadas.

Pontos Cantados:

De vermelho e negro vestindo a noite o mistério traz,
De colar de cor, de brinco dourado a promessa faz,
Se é preciso ir, você pode ir, peça o que quiser,
Mas cuidado amigo, ela é bonita, ela é mulher,
E num canto da rua zombando, zombando, zombando está,
Ela é moça bonita girando, girando, girando lá,
Oi girando laroîê, oi girando laroîê, oi girando lá.

Exú Maria Padilha,
Trabalha na Encruzilhada,
Exú Maria Padilha,
Trabalha na Encruzilhada,
Toma Conta,
Presta conta,
ao romper,

da madrugada,
Toma conta,
Presta conta,
ao romper,
da madrugada,
Pomba-gira, minha comadre,
Me proteja noite e dia,
E é por isso,
que eu confio,
em sua feitiçaria,
Pomba Gira, minha comadre,
Me proteja noite e dia,
E é por isso que eu confio,

em sua feitiçaria.

Com uma rosa e uma cigarrilha,
Maria Padilha já chegou,
E na calunga,
Ela é Rainha,
Ela trabalha com muito amor,
Sete cruzeiros da calunga,
É a morada dessa mulher,
Ela é Maria Padilha,
Rainha do Candomblé...

Maria Padilha,
Soberana da estrada,
Rainha da encruzilhada,
E também do Candomblé,
Suprema é uma mulher,
de negro,
Alegria do Terreiro,
Seu feitiço tem axé,
Mas ela é, ela é,
Ela é...Rainha da Encruzilhada e mulher de luz e fé.

Muitas são as versões de histórias contadas sobre a vida de Maria Padilha quando encarnada. Vale ressaltar que como são milhares de mulheres que trabalham nessa falange, cada uma traz seu relato de quando era viva. Maria Helena Farelli em sua obra bibliográfica, após diversas pesquisas de campo, divulgou o que poderia ser a história da Líder dessa enorme falange. Eis parte do conteúdo:

Relatos de Maria Padilha:

"Sou branca, não negra, como os Orixás a quem sirvo. Não vim da Nigéria, nasci na Espanha. Não fui rainha, mas usei coroa; por isso ainda uso; é meu direito. Quem me deu a primeira coroa, feita de ouro, esmeraldas, rubis e opalas foi o meu amor, o rei Dom Pedro I de Castela, a quem o povo espanhol chamou 'o Cruel'.

Fui amante do rei de Espanha no tempo em que lá havia mouros e judeus, lá pelos anos de mil trezentos e pouco. Andei em Andaluzia e reinei em Castela, nos fortes e nos palácios; andei em corridas de touros miuras, vi guapos toureiros, grandes espadachins, belos e magros bailarinos de flamenco, e fui muito amada. Não fui a Rainha, ela se chamava Dona Blanca de Borbon, viera da França e era muito sem-graça. Só a mim o rei amou; por mim gemeu e uivou como um cão sem dono num cais da Espanha mourisca. A meus pés ficou como um crente numa capela. Eu fui a dona do dono da terra Andaluza."

Que Dom Pedro apaixonou-se loucamente por ela e que se amolecia todo em seus braços, está dito no próprio romance espanhol:

" El cruel Pedro llamado,
Casou-se com Dona Blanca,
Fuese para Montalván,
Que alli es barraganado,
Com Dona Maria de Padilha,
Que lo tiene enhechizado".

Padilha com a ajuda de feiticeiros e bruxas realizou muitas magias para manter o amor do rei Dom Pedro. E segundo a própria Padilha, suas maiores bruxarias foram feitas em Elche, a cerca de 30 km a sudoeste de Alicante.

Padilha foi certa vez com seus amigos procurar o local onde, segundo a tradição, havia uma estátua, enterrada séculos antes por magos, e que era

dada a feitiços fortes: A Dama de Elche. Sua srcem é desconhecida; mas as joias que a cobrem não são de srcem grega nem romana, nem vem do reino visigodo: elas vieram de Cartago, no norte da África, região com que a antiga população de Elche tinha contato e cujo rei Aníbal, o Conquistador, andou pelo sul da Espanha. A estatueta, um busto de mulher ligeiramente curvado e com uma incisão aberta nas costas, usando grandes argolas nas orelhas, foi um antigo objeto de adoração. Depois de tanto tempo enterrada, chegara a hora de seu feitiço tão antigo ser usado pela amante do rei. Assim contou Padilha:

"Com sete espadas encantadas e um punhal de ouro, fechei meu corpo em Elche. A Dama me olhava. O Céu ficou todo negro. Relâmpagos cruzaram os céus na hora mágica desse rito antigo. Meus sacerdotes de magia negra usavam capuzes. Meu bobo da corte também estava lá, como a vítima sacrificial de um rito pré-histórico; ele trabalhou na magia com sua força, que é

a dos feios, solitários e ridicularizados. Havia ainda um bode negro, com os chifres enfeitados de flores, semelhantes aos belos bodes de Sabá pintados mais tarde por Goya; era o símbolo do Diabo, o portador do mal, ligado aos bobos e aos anômalos; era o centro da cerimônia. Também havia um caduceu, o bastão do poder mágico, o eixo do mundo, com as duas serpentes entrelaçadas e um capacete com pequenas asas no alto. O sacerdote invocou os deuses planetários: Shamash, o deus Sol; Sin, a Lua; Marduk, de Júpiter; Ninib, o Tempo; Nergal, a Guerra. E desde então meu corpo ficou fechado. Voei em um dragão coroadado, ígneo, que vence tudo."

Padilha também aprendeu feitiços nos sabás das bruxas. Talvez a mais importante feitiçaria ligada a Padilha seja a que fez com que D. Pedro abandonasse a esposa. Uma lenda andaluza, inscrita em uma fonte de água, conta essa história.

Em resumo, Padilha furtou de uma igreja, um cinto que acreditava ter pertencido a um santo, sendo um objeto de culto. Com a ajuda de um feiticeiro Padilha enfeitiçou o cinto, e sabendo que Dona Blanca, Rainha e esposa de Dom Pedro, havia o presenteado com um cinto de ouro, trocou pelo cinto enfeitiçado. Na noite de núpcias, o rei usando o cinto presenteado, sob a presença de um bispo inquisidor e de um franciscano velho, o cinto se moveu, sibilou e transformou-se em uma cobra, pronta para morder o rei. Em meio a esse fato, Dona Blanca foi abandonada pelo Rei e condenada a morte pela igreja por bruxaria.

As histórias de desamor e matrimônio que uniram uma rainha, um rei e sua amante bruxa, contada pelos trovadores por toda a Ibéria, reforçaram o poder do mito de Padilha. Vindos da Espanha, trazidas pelas canções dos trovadores, a história dessa "mala mujer" penetrou em Portugal e lá fez tradição entre as feiticeiras. Na Lisboa setecentista, as bruxas usavam sortilégios de que Padilha participava em espírito.

Apesar das perseguições, a admiração das rezadeiras pela alma de Padilha só fez crescer. Para ela fizeram seus conjuros e suas invocações fortes. Muitas destas condenadas, foram deportadas para o Brasil, naquela época terra de degredados, de índios não-cristãos, de ciganos e de protestantes em busca de riqueza nesta terra de Arabutã, de pau-brasil, de Vera Cruz, de Santa Cruz; foram viver em Pernambuco, terra para onde eram

mandados os que não eram aceitos na sociedade cristã lisboeta, com batinas por toda parte e com batinas no poder.

Assim, Padilha não veio da África como pomba-gira; não veio com os negros e seus orixás. Ela veio com o colono português e suas lendas, com as portuguesas supersticiosas e seus amores doentios. Veio no meio dos baús de madeira, das velas de sebo de Holanda, junto com bentinhos, escapulários, rosários, lobisomens e mulas-sem-cabeça. Foi no Brasil que ela se misturou com os ritos de origem africana; primeiro nos catimbós do Nordeste, depois nos cultos de Angola, na umbanda e na quimbanda do Rio de Janeiro. Essa combinação das duas tradições explica a sua importância. É por isso que Padilha tornou-se a mais famosa, a rainha, a mulher de Lúcifer.

Sua primeira manifestação na nova terra foi quando "baixou" em um toré. Foi em uma quarta-feira, dia de reunião do toré, que uma mestra balbuciou algo em língua estrangeira e começou a gargalhar. Quem chegara não fora um espírito juremado nem uma mestra Flor; era um espírito desconhecido. Não tinha sangue de índio (sangue "reá"), mas era rainha. Não vinha das aldeias de Laje Grande, Barros de Tauá, Jurema, Pedra Branca ou Urubá, mas sim do estrangeiro. Não quis vela, preferiu cigarro; e pegou firme no médium. Seu nome, disse entre risos: Maria Padilha, e disse que não vinha para ficar, mas estava só de passagem.

De outra vez, ela foi vista na marujada, onde cristãos e mouros guerreavam igualzinho como faziam em sua Castela. E dançou dando risadas tão fortes que a banda parou. Um sacristão se benzeu: aquilo era arte do Tinhoso, era sim... Padilha passou deixando um rastro de perfume que encantou a moçada, fazendo a festa ficar mais quente. Nunca uma marujada teve tantos beijos, chupões, mordidas e promessas de paixão. Até moça fugiu de casa, contam os marujos.

Na noite seguinte, metida em saias engomadas, Padilha "acostou" em uma festa afro-brasileira, o maracatu, um cortejo de influência africana, com estreita ligação com os terreiros nagôs. Ali havia a presença de um rei e de uma rainha, a figura dominante da festa; e disso Padilha entendia bem.

Entrando pela cabeça da Rainha do cortejo, Padilha rebolou a noite toda. Na figura da boneca que vinha na frente do cortejo, reconheceu feitiços de seu tempo na Terra. E riu sua risada diabólica, soltou tanto veneno que o cortejo virou a noite na vadiação. A "Nação Leão Coroado" parou assustado ao

ver passar o cortejo onde Padilha bailava solta, nuvem de fumaça da fogueira dos infernos, dama do pé de cabra espanhola, sambando na corte de um antigo rei negro. Os caboclos de lança africanos, segundo consta, brincam atuados, a reconheceram e gritaram em coro:

- Viva Exu, viva a mulher de Exu!

E perguntaram:

- Qual é seu nome, dona da festa?

Ela respondeu:

Sou a rainha Maria Padilha e vim para festejar...

No antigo cortejo nigeriano em louvor a Oxum chegara mais uma Lebara, branca, diferente, a mais quente de todas. Estava formando o elo entre a macumba brasileira e o mito ibérico da grande amante feiticeira andaluza.

E Padilha ficou no Nordeste. Já no séc. XVIII, no tempo em que feitiço era coisa muito escondida no Brasil.

Do nordeste, o culto de Padilha foi levado para os terreiros do Rio de Janeiro e Salvador, fazendo assim, seu nome crescer e se perpetuar por toda a Umbanda e Candomblé.

REFERÊNCIAS:

FARELLI, Maria Helena. Os Conjuros de Maria Padilha, A verdadeira História da Rainha Padilha, de seus trabalhos de magia e de suas rezas infalíveis. 3ª ed. Rio de Janeiro: Palas Editora, 2006.